

Frágil? - No fundo, elas é que mandam; veja 11 que também mudaram o mundo

Por: JORGE MACIEL¹



1Woman's International League (EUA), em 1922, grupo pioneiro de Mulheres decidiu mandar os homens às favas/Foto: Museu de NY

Desde os tempos antigos a presença da mulher sempre foi mais forte. Quando reinaram, protestaram ou estiveram na ponta das decisões fizeram as coisas com competência, com raríssimas, mas raríssimas exceções

Em um planeta dominado pelos homens e pela cultura machista, as mulheres começam, gradualmente, a deixar de ser coadjuvantes para assumir funções decisivas, influência em vários planos da vida, que trabalham, criam, mandam.

Mulheres que não herdaram posições e

que assumem cargos graças aos seus méritos são cada vez mais comum. Apenas 26% da massa de trabalho em posição de comando há 20 anos, e com rendimento salarial ou por pró-labore inferior ao dos homens em 20 a 29%, as mulheres, entretanto, mudaram esse cenário em duas décadas. Já são 45% da massa trabalhadora e já se destacam no ganho salarial, embora haja diferenças gritantes ainda. Mas essa vantagem está diminuindo em larga escala, em tempo rápido. Na China Índia, Iraque, países árabes, no Oriente Médio e alguns países asiáticos, enfim, a intolerância e ignorância estão ainda muito presentes, mas a resistência feminina é forte e alguns preconceitos e moldes sociais estão caindo. Mas as posições de hoje são resultados de lutas que vêm desde os primórdios da história, de Cleópatra (que não era herdeira), passando por Hipátia (na Antiguidade), Elizabeth , Rosa Parks, até chegar nos nossos dias. A história mostra que a mulher é o centro do mundo social, e que, por ela, os conceitos masculinistas, machistas, terminarão por ruir. Já não seria sem tempo!

Veja na Galeria algumas mulheres que fizeram história.



HIPÁCIA ou HIPÁTIA nasceu em Alexandria, então o caldeirão cultural do mundo, hoje Egito, em 355 d.C. Estudiosa e com personalidade forte, colidiu com pensadores machistas, lutou pela defesa da igualdade das mulheres.

Tornou-se a maior pesquisadora da Alexandria, dominando a matemática e filosofia, legando ao futuro grandes descobertas nestas disciplinas, assim como física e na astronomia. Contestada por soberanos, foi vítima da ignorância: terminou morta, por defender as mulheres e razões religiosas, queimada, após ter sua pele tirada em carne viva.

¹ <http://odocumento.com.br/noticias/variedades/no-fundo-elas-sao-o-sexo-forte-veja-10-mulheres-notaveis-3714>

Frágil? - No fundo, elas é que mandam; veja 11 que também mudaram o mundo

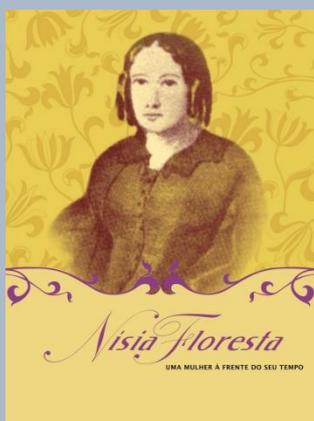
JOANA D'ARC — Tida como santa católica e heroína francesa, nasceu em 1412 e viveu apenas 19 anos. Analfabeta e camponesa, foi a primeira mulher a pedir alistamento militar, logo negado. Se disfarçou de homem e lutou batalhas em defesa da França. Defendeu a igualdade e os direitos das mulheres e buscou convencer que a mulher também podia ter postos de comando militar e político. Desagradou o Papa e foi queimada viva.



mulheres.

RAINHA ELIZABETH - tornou-se uma das lideranças mais conhecidas da História pelas suas medidas políticas na Inglaterra e sua luta contra o catolicismo. Governou a Inglaterra por 70 anos, tornando a sua terra o maior império europeu. Conhecida também por ser a rainha virgem, Elizabeth, que nunca se casou nem deixou herdeiros, permaneceu no poder até sua morte em 1603, encerrando a dinastia Tudor. Tinha um assessor de confiança, Francis Walsingham, mas era cercada de

ISABEL - rainha de Castela (Espanha), casada com o rei Fernão (ou Fernando) de Aragão, foi hábil na política e gestora competente. Decidida, impôs sua vontade e, contra todos, financiou as grandes navegações – uma delas terminou no descobrimento da América. No casamento, surpreendeu a sociedade ao optar (e criar) pela separação de bens. Tomou a frente dos negócios da coroa, criou conselho de mulheres na Espanha, desobedecendo orientação do Papa, nomeou gestoras para as províncias e fazia regularmente encontro com mulheres para ouvir sugestões feministas.



NÍSIA FLORESTA AUGUSTA - Em 1832 surge a primeira mulher brasileira a defender publicamente a emancipação feminina. Pioneira na luta pela alfabetização das meninas e jovens, fundou uma escola inovadora no Rio de Janeiro, marco na história da educação feminina no Brasil. Também foi uma das primeiras mulheres a publicar artigos em jornais de grande circulação. Nísia Floresta já considerava que a ideia de superioridade masculina possuía um vínculo com a educação e as conjunturas da vida. Compreendia também que as diferenças entre os sexos são construções sociais e que não justificam a

desigualdade.

Frágil? - No fundo, elas é que mandam; veja 11 que também mudaram o mundo

CHIQUINHA GONZAGA – Filha de militar, criada no regime severo, trocou o casamento pelo piano, usou a influência para atrair mulheres para movimentos culturais. Escandalizou senhoras com seus modos livres e fascinou senhores, que a gracejavam com o título de seu primeiro sucesso: Atraente. Pianista em saraus e teatros, Chiquinha participava das “conferências-concerto” abolicionistas nas quais, após os discursos políticos, havia concertos de piano, atrizes dramáticas declamavam e cantoras líricas entoavam árias contra a escravidão. Regia um coro de meninas nestas “conferências-concerto” e vendeu suas composições de porta em porta para alforriar um escravo músico, conhecido como Zé Flauta. Morreu em 1935.



MARIA QUITÉRIA - lutou nos batalhões nacionalistas nas guerras de independência e não deve ser vista como mais uma exceção em meio a mulheres inativas e silenciosas. Comandou um batalhão de mulheres. Nascida no dia 27 de julho de 1792 na Bahia, ainda criança assumiu o comando da casa e a criação dos dois irmãos mais novos. Mulher bonita, altiva e de traços marcantes, Tornou-se soldado em 1822, quando o Recôncavo Baiano lutava contra os portugueses a favor da consolidação da independência do Brasil. Mesmo advertida pelo pai de que mulheres não iam à guerra, fugiu e, ajudada por sua irmã

Teresa, cortou os cabelos, vestiu a farda de seu cunhado e ainda tomou emprestado seu sobrenome, Medeiros.

MATHILDE KRIM – feminista convicta, a citogeneticista italiana pesquisou sobre vírus que causam câncer. Sua contribuição também se deu com a criação da Aids Medical Foundation em 1982, que se tornaria a amFar (The Foundation for Aids Research), uma das maiores instituições do mundo para pesquisas sobre o HIV.



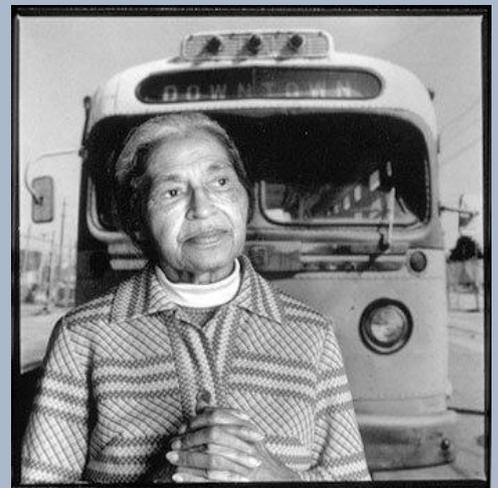
Frágil? - No fundo, elas é que mandam; veja 11 que também mudaram o mundo



COCO CHANEL - (1883-1971) – Se hoje as mulheres usam calças jeans, calças com bolsos, terninhos, devem agradecer a Gabrielle Bonheur Chanel por poder usar suas calças compridas e seu vestidinho tubinho. A estilista francesa inverteu os padrões da moda nos anos 20 e conseguiu atribuir ao vestuário feminino, peças masculinas e roupas que valorizam as curvas. Para completar, lançou o clássico perfume Chanel nº5 (seu número da sorte) e o corte

acima dos ombros.

ROSA PARKS - Rosa Louise McCauley, conhecida por Rosa Parks (1913 – 2005), foi uma costureira negra norte-americana, símbolo do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Ficou famosa, em 1º de dezembro de 1955, por ter-se recusado frontalmente a ceder o seu lugar no ônibus a um branco, tornando-se o estopim do movimento que foi denominado boicote aos ônibus de Montgomery e posteriormente viria a marcar o início da luta antissegregacionista. Caminhou com Martin Luther King na luta pela igualdade racial e social nos Estados Unidos.



ISABEL DE BRAGANÇA – nascida em São Cristóvão, Rio de Janeiro, Isabel Leopoldina de Bragança, filha de d. Pedro II, foi princesa do Brasil no regime do Império e morreu no exílio aos 75 anos. Moderada e liberal, uniu-se aos abolicionistas, e apoiou jovens políticos e artistas, embora muitos dos chamados abolicionistas estivessem aliados ao incipiente movimento republicano. Financiava a alforria de ex-escravos com seu próprio dinheiro e apoiava a comunidade do Quilombo do Leblon, que cultivava camélias brancas, símbolo do abolicionismo. Chegava a receber fugitivos em sua residência em Petrópolis. Assinou a lei áurea contrariando os

barões do café e a elite brasileira de cultura escravagista. A sua assinatura lhe custou o trono, pois menos de um ano depois um golpe de estado, militares liderados pelo marechal Deodoro fundaram a República e expulsaram a sua família do Brasil.